

ICONOFAGIA E TERRITORIALIDADE: UMA NARRATIVA VISUAL SOBRE O COMPLEXO URUBUPUNGÁ

ICONOPHAGY AND TERRITORIALITY: A VISUAL NARRATIVE ABOUT THE URUBUPUNGÁ HYDROELECTRIC COMPLEX URUBUPUNGÁ

*Otávio Ítalo Matos Uzumaki*¹ – UNESP
*Matheus de Barros Picolotto*² – UFMS

Resumo

Este ensaio visual explora a relação entre imagens e suas múltiplas interpretações, destacando que elas transcendem funções estéticas e constituem formas de conhecimento. Focando no Complexo Hidrelétrico Urubupungá, situado na Bacia do Paraná, o estudo analisa a iconografia geopolítica documentando mudanças sócio-históricas. Utiliza-se o conceito de iconofagia para criticar as representações visuais e suas implicações na sociabilização e identidade. A série de videoarte "Microdoses", criada pelo coletivo "Insulares", exemplifica estas discussões através de narrativas poéticas e críticas, refletindo sobre as transformações impostas por projetos hidrelétricos.

Palavras-chave: rio paraná; ilha solteira; videoarte; iconofagia; poesia.

Abstract

This visual essay explores the relationship between images and their multiple interpretations, highlighting that they transcend aesthetic functions constituting forms of knowledge. Focusing on the Urubupungá Hydroelectric Complex, located in the Paraná Basin, the study analyzes geopolitical iconography documenting socio-historical changes. The concept of iconophagy is used to critique visual representations and their implications for sociability and identity. The video art series "Microdoses", created by the collective "Insulares", exemplifies these discussions through poetic and critical narratives reflecting on the transformations imposed by hydroelectric projects.

Keywords: paraná river; ilha solteira; video art; iconophagy; poetry.

¹ Mestrando em Comunicação, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - Câmpus de Bauru - Unesp, <http://lattes.cnpq.br/2115959633892115>.

² Graduando em Ciências Biológicas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Câmpus de Três Lagoas - UFMS, <http://lattes.cnpq.br/4669102311219111>.

Introdução

Neste ensaio visual, examinamos a relação entre imagens e suas múltiplas interpretações, destacando que estas transcendem funções meramente estéticas ou representacionais, constituindo, para além disso, formas de conhecimento (ECHETO, 2019). As motivações desta textualidade partem das intersecções entre os campos acadêmico, artístico e pedagógico que atravessamos. Desta forma, o intuito é explorar e refletir como as identidades são moldadas pela territorialidade e, a partir desta análise, propor possibilidades de contribuição para uma práxis educacional crítica.

Contexto Histórico

Delimitamos o recorte analítico sobre o Complexo Hidrelétrico Urubupungá, situado na Bacia do Paraná, entre São Paulo e Mato Grosso do Sul, como estudo de caso que ilustra a complexidade de se examinar uma iconografia sob uma ótica geopolítica que documenta as mudanças sócio-históricas impulsionadas por tais empreendimentos. Este recorte se dá a partir de nossas vivências no município de Ilha Solteira, uma das cidades atingidas por uma das usinas que integram o complexo e local no qual desenvolvemos nossas práticas pedagógicas enquanto professores da educação básica.

O Complexo Hidrelétrico Urubupungá representa um marco na instrumentalização dos recursos naturais do Brasil para o desenvolvimento nacional. Sua origem remonta a eventos históricos significativos de exploração energética que datam do século XIX. Este percurso histórico inclui o avanço dos bandeirantes pelos sertões, a execução de comissões científicas exploratórias, até a subsequente introdução de tecnologias de engenharia e a chegada das indústrias modernas (MARTIN, 2015).

Análise Crítica

Formado pelas usinas Engenheiro Souza Dias (Jupiá) e Ilha Solteira, o complexo simboliza o ápice de práticas narrativas e poderes que buscaram o uso integral da bacia hidrográfica, pautados em discursos de desenvolvimento e integração nacional (MARTIN, 2018). Para além das transformações físicas e biológicas na paisagem, o complexo circunscreve narrativas sobre as novas

formas de sociabilização oriundas destes fenômenos. Portanto, partimos do exame das suas produções simbólicas para identificar tais discursividades e, através do processo circular entre a '*poiesis*' e a '*aisthesis*', vislumbrar este experimento de uma poética da recepção (CRUZ, 1986).

A fundação das usinas hidrelétricas nestes territórios se constitui como uma estratégia geopolítica ampla, ressonante com a influência norte-americana pós-Segunda Guerra Mundial no Brasil, especialmente através da adoção do modelo energético da autarquia norte-americana *Tennessee Valley Authority* (MARTIN, 2015; 2018). Sobre este contexto histórico se estabelece a base para uma crítica das representações visuais produzidas. Propõe-se uma análise crítica dessas imagens por meio dos dispositivos de corpo, política e imaginação conforme sugerido por Silva Echeto (2018).

Estudos de Caso

Adotamos o conceito de iconofagia proposto por Baitello (2014), partindo da dedução de que a colonização imperialista do Complexo Urubupungá vai além da materialidade, invadindo o universo simbólico que rodeia este empreendimento. Isso nos leva a questionar se as usinas hidrelétricas no Rio Paraná representam não apenas uma colonização tecnológica e econômica, ancorada em ideais de desenvolvimento e progresso ocidentais, mas também uma colonização das imagens e dos imaginários.

Para ilustrar esses conceitos, apresentamos uma série de imagens que documentam três períodos históricos:

Nota 1

- Imagem 1: Núcleo provisório de moradia dos trabalhadores da Tennessee Valley Authority durante a construção de usinas hidrelétricas.
- Imagem 2, 3: Núcleos de trabalhadores das usinas do Complexo Urubupungá, especificamente a Vila Piloto pertencente à Usina Hidrelétrica de Jupiá (Engenheiro Souza Dias), construída durante a primeira metade da década de 1960 até 1974, e a Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira, com obras iniciadas em 1967 e finalizadas em 1973 (MARTIN, 2015).



1 - Núcleo provisório de moradia dos trabalhadores do TVA, 1935.

2 - Núcleo dos trabalhadores Complexo Hidrelétrico Urubupungá. Vila Piloto, 1962.

3 - Núcleo dos trabalhadores Complexo Hidrelétrico Urubupungá. Ilha Solteira, 1969.

Imagem 1: Uzumaki, Colagem digital, imagens obtidas da tese: produzir energia, (pro) mover o progresso: o Complexo Hidrelétrico Urubupungá e os caminhos do setor energético, Ilha Solteira, 2023.

Este exame é aprofundado ao considerar a figura subsequente da Vila Piloto, cujo plano urbano é delineado em coroa concêntricas que segregam os trabalhadores com base em ocupação e faixa salarial. Esse arranjo, remanescente de um panóptico, evidencia um exercício do poder simbólico pela autoridade estatal empresarial, impactando os indivíduos que ali residiam. Essa estrutura não apenas reflete dinâmicas de controle, mas também a profunda influência das instituições sobre os indivíduos, sublinhando as práticas que ocorreram nestes territórios atravessados pela gestão da ditadura civil-militar brasileira.

Nota 2: O plano urbano da Vila Piloto é constituído de três coroa concêntricas em um centro geométrico onde se localiza o centro comunal. Cada coroa, respectivamente do centro, foi projetada para alocar os trabalhadores de acordo com a sua ocupação e faixa salarial, sendo “C” (operários), “B” (encarregados) e “A” (engenheiros e chefes).

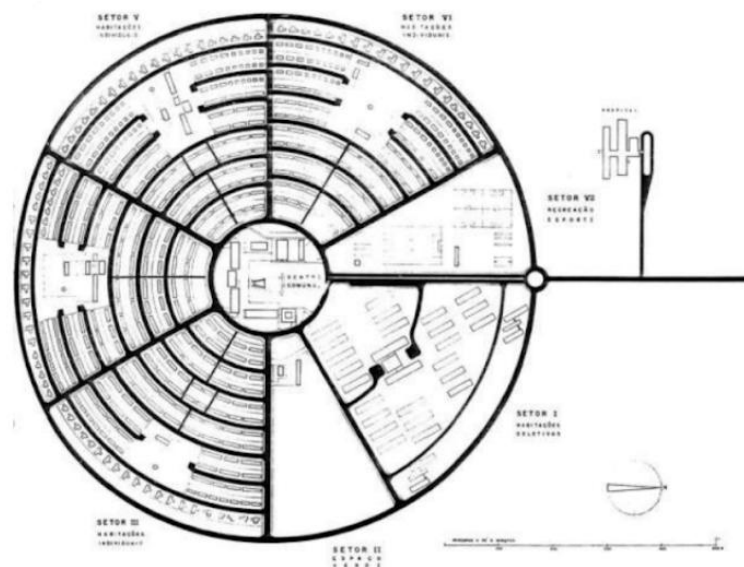


Imagem 2: MARTIN (2016), recorte de imagem obtida da tese: *Produzir energia, (pro) mover o progresso: o Complexo Hidrelétrico Urubupungá e os caminhos do setor energético*, Vila Piloto (Jupiá), Ilha Solteira, 2023.

Conclusões

A partir dessas observações, é possível identificar que o modelo civilizatório representado pelo Complexo Urubupungá é assimilado através da iconofagia das representações americanas que impõem uma ordem que condiciona corpos e mentes, sustentando uma segregação física e simbólica. Para além da iconofagia das imagens, o que se observa é o devoramento dos corpos. Essa realidade social que emerge das usinas e que redefine identidades a partir de uma hierarquização laboral revela a imposição de uma racionalidade ocidental capitalista sobre as representações e a realidade vivida.

Alguns questionamentos emergem, especialmente sobre as consequências desse regime de classificação, separação e estetização do espaço no contexto contemporâneo. Os núcleos provisórios, como a Vila Piloto, deram origem a municípios como Três Lagoas no Mato Grosso do Sul e Ilha Solteira em São Paulo. É essencial questionar como essas estruturas simbólicas continuam a influenciar a realidade social desses municípios.

Destes percursos epistemológicos foi produzida a série de vídeo arte denominada “Microdoses”, formada por experimentos audiovisuais que exploram

diferentes narrativas e processos criativos sobre a visão poética/crítica do coletivo artístico independente “Insulares”, constituído de artistas independentes residentes no município de Ilha Solteira. Interpolando os campos da poesia, artes visuais e música.

Esta série de experimentos foi produzida a convite da 5ª edição da FLIS (Festa Literária de Ilha Solteira), que teve como tema “Memória Literária”, produzida em 2023, integrando uma série de ações artísticas pedagógicas no município de Ilha Solteira, atendendo escolas e sociedade civil. Foi uma realização da Secretaria do Estado da Cultura e Economia Criativa de São Paulo, por meio do Proac, com execução do coletivo Celeiro Cultural. A obra apresentada neste trabalho, denominada “4ª Pílula - Antropologia Visual”, buscou se debruçar sobre a temática da FLIS a partir de uma memória sobre o território, onde se preconizou a produção midiática voltada para o formato de dispositivos móveis. Foram realizadas intervenções sobre o material documental levantado pelo coletivo, que retrata o momento histórico discutido no início deste ensaio, assim como registros contemporâneos da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. Conceituamos esse processo criativo como iconofágico, no qual estas imagens foram devoradas e transformadas em novas imagens e novas narrativas (BAITELLO, 2014). A narração é um devoramento da poesia “No Meio do Caminho” de Drummond, explorando na figura “pedra no meio do caminho” um significado que traduz as desigualdades, violências e injustiças (incentivadas pelos governos) que ocorrem sobre o povo pobre desta cidade desde a sua concepção.

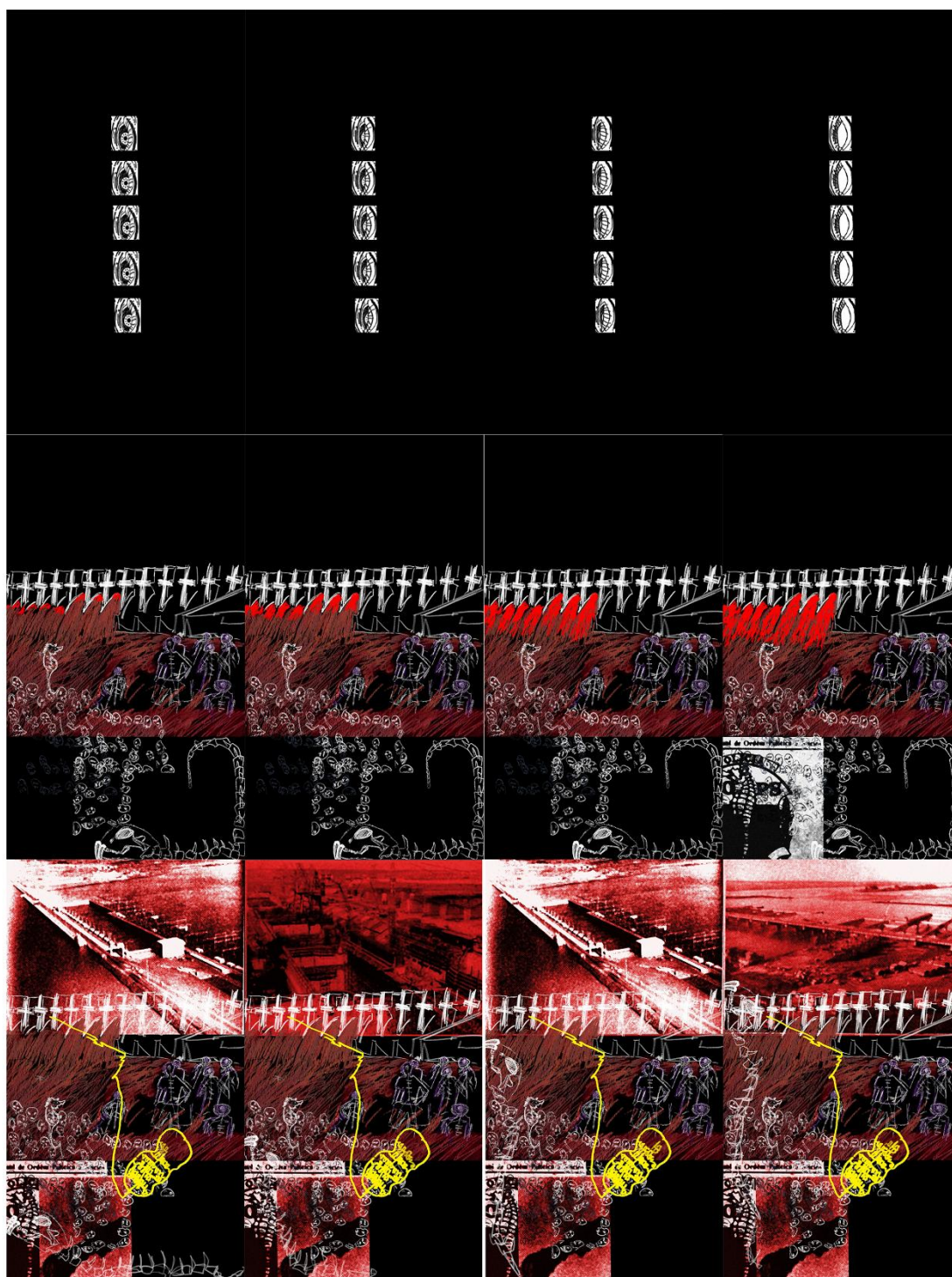


Imagem 3: Uzumaki, Antropologia visual, colagem digital dos frames da produção Microdoses, Ilha Solteira, 2023, link de acesso: <https://www.instagram.com/reel/CtGzqUGrIcM/?igsh=eWRkcmFudHg5bHFv>.



Imagem 4: Uzumaki, Antropologia visual, colagem digital dos frames da produção Microdoses, Ilha Solteira, 2023.

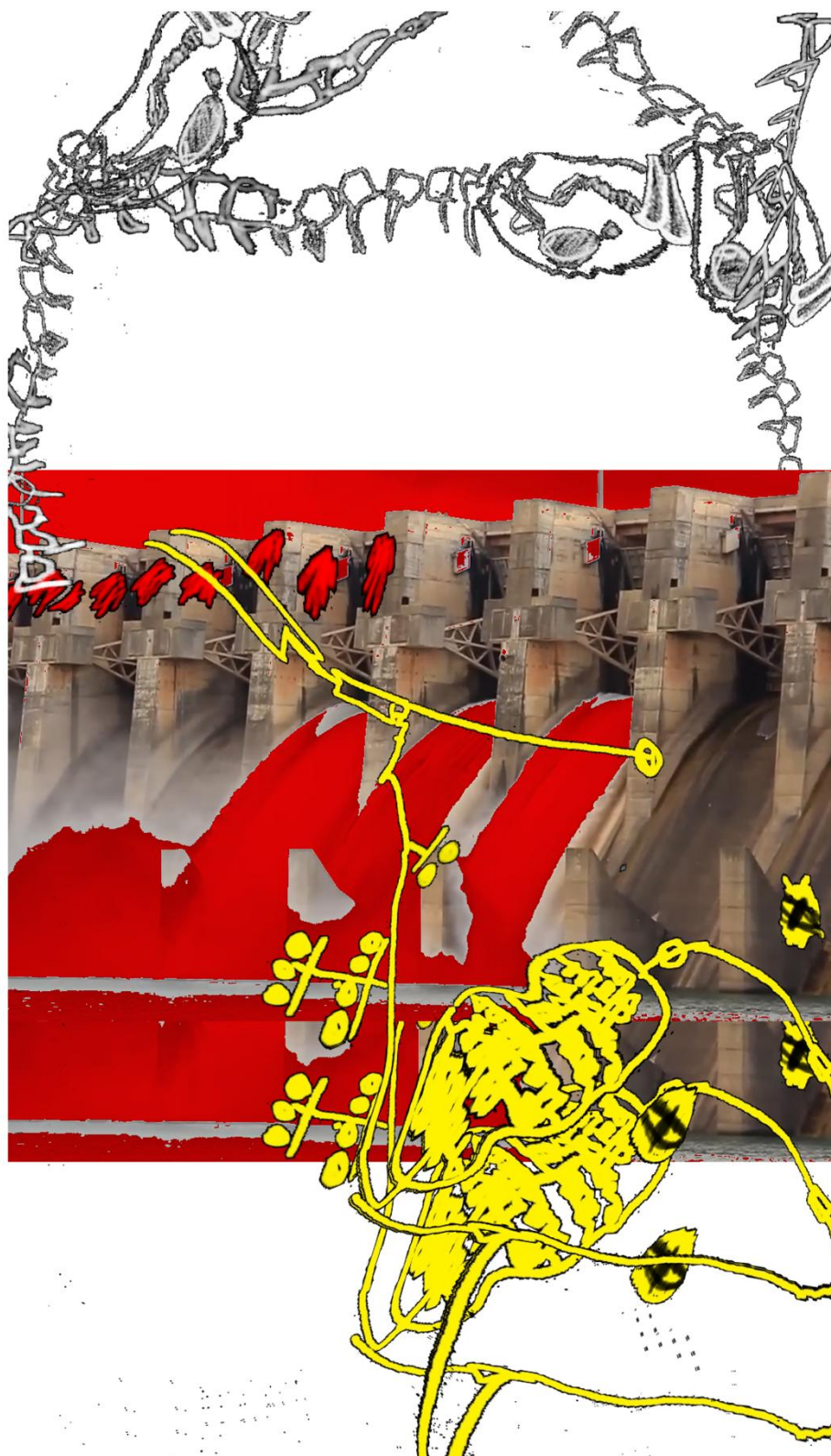


Imagem 5: Uzumaki, Antropologia visual, colagem digital dos frames da produção Microdoses, Ilha Solteira, 2023.

Referências

BAITELLO JÚNIOR, Norval. **A era da iconofagia: reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura**. São Paulo: Paulus, 2014.

CRUZ, M. T. **A estética da recepção e a crítica da razão impura**. Revista Comunicação e Linguagens, Lisboa, v. 1, n. 3, p. 75-67, 1986.

MARTIN, Andrey Minin. **"Desenvolvimento é capitalismo mais energia": a produção energética nacional como corolário da integração econômica**. *Topoi* (Rio de Janeiro), v. 19, n. 38, p. 81-108, 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-101X2018000200081&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 31 mar. 2024.

MARTIN, Andrey Minin. **Do bravio ao progresso energético: considerações sobre Salto Urubupungá nos caminhos da história**. Fronteiras: Revista de História, Dourados, v. 17, n. 29, p. 158-179, jan. 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=588265556008>. Acesso em: 31 mar. 2024.

MARTIN, Andrey Minin. **Para além de milhões de quilowatts: O complexo hidrelétrico Urubupungá e as tramas do setor energético nacional**. Tempos Históricos [S.l.], v. 19, 1º sem. 2015, p. 274-301.

MARTIN, Andrey Minin. **Produzir energia (pro) mover o progresso: o Complexo Hidrelétrico Urubupungá e os caminhos do setor energético**. 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/141457>. Acesso em: 7 jun. 2024.

SILVA ECHETO, Víctor. **Epistemes a las críticas de las imágenes: un acercamiento teórico-metodológico**. In: SIERRA CABALLERO, Francisco; ALBERICH PASCUAL, Jordi (Coords.). *Epistemología da comunicação e da cultura digital: desafios emergentes*. 2019. pp. 151-162. ISBN 978-84-338-6527-4. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7165036>. Acesso em: 31 mar. 2024.

SILVA ECHETO, Víctor. **Imagen, visualidad y crítica de la comunicación: perspectivas latinoamericanas**. Líbero, São Paulo, v. 19, n. 37, p. 9-18, jan./jun. 2016.

SILVA ECHETO, Víctor. **Escena de apertura: Arqueología: imágenes y cuerpo(s). Imágenes descarnadas**. Tirant, pp. 11-18, 2013.